

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
FACULDADE GUAIRACÁ
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

EMANUEL MAX MUNIZ

**GRUPOS ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS* NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA**

GUARAPUVAVA

2008

EMANUEL MAX MUNIZ

**GRUPOS ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS* NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO
PEDAGÓGICA**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção de título
no Curso de Licenciatura em Educação Física,
da Faculdade Guairacá.**

FERNANDO AUGUSTO STAREPRAVO

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
FACULDADE GUAIRACÁ
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A COMISSÃO EXAMINADORA ABAIXO ASSINADA, APROVA A
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DO CURSO

**INTERVENÇÃO NOS GRUPOS DE ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS* ATRAVÉS
DA AVALIAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

ELABORADA POR:
EMANUEL MAX MUNIZ

COMISSÃO EXAMINADORA:

Professor/Mestre/Fernando Augusto Starepravo

Professor/Mestre/Deoclécio Rocco Gruppi

Professor/Especialista/Flávia Angela Servat

Guarapuava, 06 de Outubro de 2008.

Dedico este trabalho à minha querida mãe, que com seu espírito de mulher trabalhadora, conseguiu me dar toda a condição para que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em nome de Jesus, a DEUS, o senhor da minha vida.

Minha mãe Francisca Francineide Muniz e minha irmã Valine Wlaine Muniz a quem eu amo muito e minha família maravilhosa, minha esposa e filha, Maria Marlene de Freitas Muniz e Emanuelle de Freitas Muniz, pela compreensão e renúncia às horas de estudo tiradas do seu convívio, sabendo que sempre torceram pelo meu sucesso, muito obrigado, este trabalho dedico a vocês duas todas.

As pessoas que me ajudaram e me acolheram juntamente com minha família, fazendo desta uma só família em seu convívio diário, apoiando para que este sonho se concretizasse se não fosse a sua mão estendida para mim eu não tinha realizado este meu grande sonho... Cássio Roberto de Oliveira Lima sua esposa Leia Mandu Ribeiro e seus filhos Cássio de Oliveira Neto e Fernanda Lima... Que DEUS abençoe vocês e só ele pode recompensar o que vocês fizeram e fazem até hoje por mim e por minha família.

Aos meus parentes que mesmo distantes torcem pelo meu sucesso aqui no Paraná, e aos meus amigos e colegas, tanto de Guarapuava quanto da minha cidade natal Morada Nova – Ceará, que também sempre torceram pelo meu sucesso, aqui está o resultado desta confiança depositada em mim.

Ao meu amigo, professor e orientador Fernando Augusto Starepravo. Alguém que nunca mediu esforços para me ajudar em todas as horas que precisei tanto neste trabalho de conclusão de curso como no grupo de pesquisa no qual eu faço parte sob sua orientação. E hoje aqui está o resultado, o meu TCC pronto e entregue, devo isso muito a você Professor Fernando. Aos professores Sérgio Chaves Júnior, Deoclécio Roco Gruppi, Ilma Célia Ribeiro Honorato, Flávia Ângela Servat, Paulino Hykavei Júnior, Arlison Sanches Sales, Dilcélia Camargo Machado, Dirlei Cherne da Cruz Ilivinski, Luciano Pavan Rossi, Marcelo Eduardo de Almeida Martins, Ana Paula Fontoura Slompo da Silva, Pablo de Almeida, Elena Mariele Bini, Larissa Bobroff Daros, Ricardo Stoly, Robson Prestes, Marcelo Calleya, Wagner Custódio, Aline Carrasco, Júlio César Silveira, dentre outros professores e funcionários da instituição que contribuíram diretamente ou indiretamente para a minha formação profissional.

“Deus nos fez perfeitos e não escolhe os capacitados, capacita os escolhidos. Fazer ou não fazer algo só depende de nossa vontade e perseverança.”

Albert Einstein

RESUMO

GRUPOS ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS* NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: AVALIAÇÃO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

O objetivo deste trabalho foi verificar como se apresentam os grupos de estabelecidos e *outsiders* (ELIAS, 2000) no interior da aula de educação física, e como o professor, via processo avaliativo e intervenção pedagógica, reafirma ou minimiza a ação desses grupos. Foi observada uma turma do ensino fundamental de uma escola Estadual do município Guarapuava - Brasil. Um questionário foi aplicado ao professor no final do período da observação, com algumas perguntas referentes à avaliação, se através desta ela reafirma ou minimiza a ação desses grupos. Através da pesquisa de campo notou-se a divisão destes grupos de estabelecidos e *outsiders* entre os alunos da série pesquisada. A avaliação juntamente com a intervenção do professor até onde foi acompanhada por nós, não influenciou para a diminuição destes grupos.

Palavras chaves: educação física; estabelecidos; *outsiders*.

ABSTRACT

OUTSIDERS GROUPS AND SET ON LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION SCHOOL: ASSESSMENT AND INTERVENTION PEDAGÓGICA

The objective of this work was presented as if the groups of established and outsiders (ELIAS, 2000) within the class of physical education, and how the teacher, through educational intervention and evaluation process, reaffirms or minimizes the action of these groups. There was a class of elementary school to a state school in the township Exeter - Brazil. A questionnaire was administered to the teacher at the end of the period of observation, with some questions concerning the evaluation, it is through this reaffirms or minimizes the action of these groups. Through field research it was felt the division of these groups established between students and outsiders in the series investigated. The assessment together with the work of the teacher to where he was accompanied by us, not to influence the decline of these groups.

Key words: physical education; established; outsiders.

SUMÁRIO

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
SUMÁRIO	xi
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 PROBLEMA	10
1.2 JUSTIFICATIVA	10
1.3 OBJETIVOS	10
1.3.1 Objetivo Geral	10
1.3.2 Objetivos Específicos	10
1.4 HIPÓTESES.....	11
2 REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	12
2.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR	13
2.3 AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	15
2.4 OUTROS ESTUDOS COM ESTABELECIDOS E <i>OUTSIDERS</i>	19
3 METODOLOGIA	21
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	21
3.2 SUJEITOS DE PESQUISA.....	22
3.3 FERRAMENTAS DE PESQUISA	22
3.4 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	23
3.5 REFERENCIAL SOCIOLÓGICO DE ANÁLISE.....	24
3.5.1 Os Estabelecidos e os <i>Outsiders</i>	24
3.5.2 Conceito de Configuração e Interdependência.....	26
3.5.3 O Poder nas Relações Sociais.....	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	36
ANEXO 1	38
ANEXO 2	41

1 INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

Como se apresentam os grupos de estabelecidos e *outsiders* no interior da aula de educação física, e como o professor, via processo avaliativo e intervenção docente, reafirma ou minimiza a ação desses grupos?

1.2 JUSTIFICATIVA

A escolha desse tema deu-se a partir da possibilidade da intervenção do professor nestes grupos através da avaliação, sendo que talvez a avaliação das aulas de educação física não é usada para minimizar e sim reafirmar a ação destes grupos.

Este trabalho foi desenvolvido com o intuito de dar um significado para avaliação nas aulas de educação física escolar, sendo que ela será uns dos métodos para proporcionar a inclusão nestas aulas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Verificar como se apresentam os grupos de estabelecidos e *outsiders* no interior da aula de educação física, e como o professor, via processo avaliativo e intervenção docente, reafirma ou minimiza a ação desses grupos.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Levantar um referencial sociológico de análise, com ênfase nas categorias estabelecidos e *outsiders*, para refletir sobre a dinâmica das aulas de educação física, os grupos dominantes e dominados;
- Realizar uma reflexão sobre a avaliação na educação física escolar;

- Verificar como se apresentam os grupos de estabelecidos e *outsiders* no interior das aulas de educação física de uma turma de 8ª série do ensino fundamental de uma escola pública de Guarapuava;
- Verificar qual a concepção de avaliação e o processo avaliativo adotado pelo professor de educação física da turma estudada;
- Analisar como o professor, via processo avaliativo e intervenção docente, reafirma ou minimiza a ação dos grupos estabelecidos e *outsiders* no interior das aulas de educação física.

1.4 HIPÓTESE

Acreditamos que provavelmente nas escolas de Guarapuava também acontecem estas relações de “poder” entre os meninos, meninas e professor, onde este poder varia constantemente, sendo que não verificamos a questão de identidade de grupo, classificamos somente as partes envolvidas em Estabelecidos/Dominantes e *Outsiders*/Não Dominantes, e acreditamos que a avaliação juntamente com a intervenção pedagógica do professor, seria um dos meios para minimizar a ação destes grupos dentro das aulas de educação física escolar.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRICO DA AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Falando brevemente da história da educação física, destacamos a influência dos Métodos Ginásticos na Europa (Alemanha, Suécia, França e Inglaterra) nos anos de 1800 para que a educação física fosse aplicada nas escolas com fins higiênicos.

A Educação física passava a integrar as propostas discursivas dos médicos higienistas e fica gravada em seus escritos, em seus pronunciamentos e em seus congressos (SOARES 1994).

Deste modo na concepção de Soares (1994, p.42), “a Educação Física acabava aderindo a um conteúdo médico-higiênico, totalmente voltada para a disciplinariedade do corpo biológico (individual), no intuito de moralizar a sociedade, melhorar e regenerar a raça”.

Concordando com o autor nas suas citações acima, a educação física naquela época tinha o papel disciplinar um corpo limpo, os médicos tinham o papel de passar para população métodos de higiene, melhorando assim a raça para o trabalho.

Dessa maneira a Educação Física passa a assumir o papel de melhorar a saúde das pessoas, possibilitando melhor adaptação ao trabalho, aumentando a produção. Através da escola que era vista como o terreno que propicia a implantação de hábitos de viver sadicamente (SOARES, 1994).

Percebe que naquela época o professor desempenhava um papel secundário, possuindo um caráter médico mais amplo que o pedagógico, com o objetivo de assegurar o melhoramento da raça (SOARES, 1994).

Entendemos que os fatores higiênicos e os exercícios militares daquela época foram os principais responsáveis pela classificação e exclusão, que hoje existe na sociedade e na escola, pois nestes moldes antigos, os aptos se sobrepõem aos não aptos, ocasionando a exclusão existente até hoje dentro da escola.

Podemos arriscar a afirmar que o caráter avaliativo ou exame como era característico da época se deu a partir daí, sendo pregado até hoje dentro da escola como exames que são classificatórios, classificam em aprovados, reprovados

existindo uma escala de notas, ao contrário da avaliação que é dinâmica, ela não classifica e sim diagnostica o que está ocorrendo para que aconteça uma melhoria, ela propicia uma condição mais satisfatória.

2.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Segundo os autores Luckesi (1978) e Gimeno (1988), citado por Betti (2002, p.78), “a avaliação pode ser definida como um julgamento de valor, que se baseia em dados relevantes para a tomada de decisões”.

Entende por avaliação a partir da citação dos autores acima que, um julgamento de uma determinada aprendizagem, que se baseia em um conhecimento talvez adquirido pelo aluno, para julgá-lo com uma nota que na maioria das vezes não condiz com seu conhecimento específico da disciplina, sendo que muitas vezes o aluno não se identifica com o determinado método usado pelo professor para avaliá-lo.

É papel do professor proporcionar aos alunos diferentes mecanismos para a obtenção de nota, pois o aluno poderá não ir bem na avaliação prática, sendo que na teórica, apresentação de trabalho individual e em grupo ele já se identifique com o método, então cabe ao professor contemplá-los com outros métodos avaliativos, saindo do autoritarismo e do tradicional, seja ela teórica ou prática.

As concepções de avaliação dependem das concepções mais gerais de metodologia, relação professor aluno e aprendizagem.

Lüdke e Mediano (1992) citado por Betti (2002, p.78) “caracterizam duas concepções básicas da avaliação: tradicional e progressista.”

Na avaliação tradicional, o professor transmite conhecimentos ao aluno, que aprende de forma passiva; a avaliação usa uma medida, através de uma prova, que atribui ao aluno uma nota fria, que não serve para reformular o processo, e mede apenas habilidades cognitivas.

Entretanto são desconsiderados, outros conhecimentos adquiridos pelos alunos, não sendo apenas cognitivos mais também afetivos motores e também conhecimento de uma sociedade em geral, por isso não é apenas uma prova que vai medir estes outros conhecimentos citados aqui. Caberá ao professor a interação com o aluno para que esta outra parte da avaliação se realize com a interação entre

professor aluno, só assim ele vai ter o conhecimento mais aprofundado do aluno assim podendo avaliá-lo melhor, não só no aspecto cognitivo, como também em vários outros já citados aqui.

Na avaliação progressista, o professor, orientador da aprendizagem, faz diagnóstico, considera a capacidade de aprendizagem do aluno, e se autoavalia; o aluno, sujeito da aprendizagem, é mais crítico e também se autoavalia; a avaliação é contínua, e serve para a reorientação do processo.

Já nesta outra concepção citada acima, são levadas em consideração todo o processo de ensino-aprendizagem por qual passa o aluno, levando em consideração todo o processo. Esta está mais perto de uma avaliação nos moldes atuais, onde o aluno interage com o professor quebrando o tradicionalismo autoritário que em moldes antigos prevalecia, onde o professor ensinava e caberia ao aluno aprender.

Segundo Luckesi (2005 p.26). “A avaliação está muito mais vinculada com a reprovação do que com a aprovação e daí vem a sua contribuição para a seletividade social que já existe independente dela.”

Concordando com o autor a avaliação da aprendizagem, na medida em que estiver polarizada pelos exames, não cumprirá a sua função de subsidiar a decisão da melhoria da aprendizagem. E de acordo com os pressupostos teóricos de Elias (2000), ela contribuirá cada vez mais para a divisão entre os grupos de estabelecidos e *outsiders* dentro das aulas de educação física.

Muitos professores vêem mais o lado das notas, sem na maioria das vezes se preocuparem com o conhecimento adquirido pelos alunos, assim muitos alunos só estudam para a obtenção de notas, não se interessando pelo conhecimento a ser adquirido. A avaliação que tem como objetivo a aquisição de uma determinada nota (avaliação tradicional), não mostra o conhecimento de um determinado aluno, pois o mesmo poderá muito bem em uma avaliação “colar”, ou simplesmente decorar o conteúdo para obter a nota desejada, isso não prova que ele aprendeu o conteúdo passado pelo professor.

2.3 AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Segundo Faria Júnior (1989) citado pelo Coletivo De Autores (2005, p.98), “os estudos sobre avaliação em educação física estão direcionados para os métodos e técnicas usadas, criando testes, materiais e sistemas, estabelecendo critérios com fins classificatórios e seletivos”.

Nós entendemos que, a avaliação em educação física é muito mais do que aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos, ela está relacionada com o projeto político pedagógico da escola, e está também determinada pelo processo de trabalho pedagógico.

Por isso cabe aos professores o entendimento deste processo e do projeto político pedagógico da escola, para que a avaliação das aulas em educação física fique mais clara o possível tanto para o professor como para o aluno.

Deste modo a avaliação irá contribuir para a aproximação entre os grupos dos estabelecidos/dominantes em relação aos outsiders/não dominantes, existentes ou não dentro das aulas de educação física, com isso diminuindo as diferenças entre os alunos dentro do ambiente escolar.

Dentro da escola e conseqüentemente dentro das aulas de educação física, a avaliação tem um papel fundamental na formação do aluno, ela deve ser diagnóstica, contínua e somativa, com vista em diminuir desigualdades sociais e construir uma sociedade justa e mais humanizada. (DCEs, 2006).

Os conceitos acima contemplam e definem da seguinte maneira o método avaliativo: Avaliação Diagnóstica, a qual precede a elaboração do programa e trata da sondagem da realidade do contexto onde será desenvolvida a avaliação; Avaliação Formativa, que ocorre durante todo o processo para acompanhar o desenvolvimento do aluno e verificar se os objetivos estão sendo alcançados e a Avaliação Somativa, ocorrendo ao final do processo, atendendo às necessidades de agentes externos, mas sempre conectada e contextualizada com todo o processo de ensino.

Concordamos plenamente com Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná, pois elas trazem uma vasta literatura e diversas práticas corporais a ser trabalhada pelo professor, que organizará e reorganizará seu trabalho. A avaliação deve ser contínua, trabalhar a consciência, senso crítico e as relações interpessoais e sociais

do aluno. Fala que o professor tem que ser coerente com a concepção defendida e as práticas avaliativas, ou seja, o professor tem que ser coerente com a abordagem da metodologia.

As DCEs trazem ainda algumas sugestões de avaliação para o processo de avaliação, onde o professor busca resgatar experiências individuais e coletivas da prática social dos alunos.

Durante a intervenção pedagógica, o professor pode utilizar-se de instrumentos avaliativos como provas, trabalhos escritos dinâmicas em grupo, seminários, debates, júri simulado, onde os alunos possam expressar suas opiniões aos demais colegas.

Outra sugestão trazida pelas DCEs é: a organização e realização de festivais, jogos escolares, cuja finalidade é demonstrar a apreensão do conhecimento e como estes se aplicam em situação real de atividade que demonstre a capacidade de liberdade e autonomia dos alunos, assim se concretiza uma avaliação crítica na educação física.

Todas estas ferramentas poderão ser utilizadas para avaliação das aulas de Educação Física, desde que a nota não sirva para classificar os melhores. (DCEs, 2007, p. 41)

Segundo Chaves Júnior, (2007, P. 04) a pedagogia do exame, os testes e provas ocupam o lugar central no processo de ensino-aprendizagem e acabam então tendo ainda as seguintes conseqüências:

- No âmbito pedagógico, a avaliação da aprendizagem, polarizada pelos exames, não cumprirá sua função de subsidiar a decisão da melhoria aprendizagem;
- No âmbito psicológico dos alunos, acaba desenvolvendo personalidades submissas, em decorrência de um autocontrole psicológico;

A substituição desta pedagogia do exame por uma pedagogia do ensino aprendizagem seria uma das possíveis ações que provocariam uma significativa qualificação no processo educacional, mudando o foco para todo o processo, e não somente num dia específico, qual seja o dia da avaliação/teste/prova.

A partir do momento em que temos essas preocupações com as conseqüências de uma reorientação no sentido da avaliação, nossa ação deve ser pautada nos seguintes momentos:

- Registrar esses dados (aliás, temos obrigatoriamente que ter um “conceito” dos alunos para ser passado à instituição);
- Dar outra oportunidade para melhorar a nota ou conceito;
- Perceber as dificuldades e desvios da aprendizagem e redirecionar a nossa intervenção docente. (CHAVES JÚNIOR, 2007, p.05)

A avaliação da aprendizagem dos alunos deve estar preocupada em construir com e nos educandos conhecimentos, habilidades e hábitos que possibilitem o seu efetivo desenvolvimento, por meio da assimilação ativa do legado cultural da sociedade, detectar as dificuldades dos professores quanto do currículo, bem como toda a metodologia utilizada, buscando, a partir da avaliação, corrigir os rumos de nossa prática pedagógica. (CHAVES JÚNIOR, 2007, p.05)

Betti e Zuliani (2002) afirmam que, “a Educação Física tem este propósito de atingir aspectos afetivos e sociais na formação da personalidade do aluno”.

Neste sentido a educação física é mais que avaliar o aspecto motor dos alunos, tem que contemplar a relação entre os próprios alunos, ou seja, diminuir cada vez mais as lacunas que as “notas” deixam entre os alunos, só assim estará melhorando a relação entre os mesmos.

O professor de Educação Física é dono de uma condição privilegiada para avaliar por critérios formais e informais, pois o interesse, capacidade geral e comportamento do aluno tornam-se muito evidentes nas situações de aula, pela natureza de seus conteúdos e estratégias.

Por isso, esses critérios são comumente usados na Educação Física para a atribuição do conceito. Todavia, isso torna a avaliação pouco transparente ao aluno, à comunidade escolar e ao próprio professor, se este não efetuar uma reflexão crítica sobre os processos de mediação, já referidos, que ocorrem na avaliação.

Estes critérios são muitos importantes para o processo de avaliação, pois mostra que o professor além de contar com o método formal ele também pode utilizar o informal, tornando assim o processo de avaliação mais democrático para o aluno que vai ser contemplado em outras diversas formas de ser avaliado em sua aprendizagem, diminuindo assim as diferenças entre eles.

Não caberá ao professor só a atribuição da nota ou conceito ao aluno, e sim fazer com que ele aprenda o conteúdo problematizado e através das notas diminuam as diferenças dos mesmos, assim a nota será uma consequência do aprendizado, contribuindo para uma boa aprendizagem da ação pedagógica e para a socialização entre eles.

Para compreender isso é necessário considerar que a avaliação do processo ensino aprendizagem está relacionada ao projeto político pedagógico da escola, currículo e também com o processo de trabalho pedagógico, levando em conta também as diferenças entre a sociedade em que ele vive.

Assim, na atribuição de conceitos aos alunos, recomenda-se, segundo Betti e Zuliani (2002, p.79):

- A avaliação deve ser contínua, compreendendo as fases que se convencionou denominar diagnóstica ou inicial, formativa e somativa.
- A avaliação deve englobar os domínios cognitivo, afetivo ou emocional, social e motor;
- A avaliação deve referir-se às habilidades motoras básicas, ao jogo, esporte, dança ginástica e práticas de aptidão física;
- A avaliação deve referir-se à qualidade dos movimentos apresentados pelo aluno, e aos conhecimentos a ele relacionados;
- A avaliação deve referir-se aos conhecimentos científicos relacionados à prática das atividades corporais de movimento;
- A avaliação deve levar em conta os objetivos específicos propostos pelo programa de ensino;
- A avaliação deve operacionalizar-se na aferição da capacidade do aluno expressar-se, pela linguagem escrita e falada, sobre a sistematização dos conhecimentos relativos à cultura corporal de movimento, e da sua capacidade de movimentar-se nas formas elaboradas por essa cultura;

Evidentemente, os instrumentos e exigências da avaliação deverão estar em sintonia com o nível de desenvolvimento dos alunos e o conteúdo efetivamente ministrado. É necessário que a avaliação inclua, ao longo do ano, várias dessas estratégias.

Nós, não queremos aqui, fazer afirmações do que é certo ou errado, sobre o tema avaliação em educação física escolar, e sim mostrar que todos estes mecanismos são muito importantes para o professor na hora da avaliação, assim contribuindo tanto para a aprendizagem do aluno como também para a diminuição das relações entre os grupos dos dominantes e não dominantes nas aulas de educação física.

Entende-se também que o professor não deverá contemplar a “um” ou a “outro” e sim saber entender a particularidade de cada aluno na hora de avaliar e dá um conceito para aluno, sendo que este conceito ou nota deverá diminuir as diferenças de raça, de cor de religião, de sexo, de classes sociais existentes entre os mesmos, contribuindo assim para a inclusão e não exclusão de todos os alunos nas aulas de educação física.

É importante informar ao aluno quais são os momentos de avaliação formal (provas teóricas, provas práticas, trabalhos, apresentações e etc), e quais aspectos serão avaliados e transformados em conceito, assim o mesmo saberá seus pontos positivos e negativos dentro das aulas de educação física, podendo melhorar cada vez mais dentro da disciplina de educação física.

2.4 OUTROS ESTUDOS COM ESTABELECIDOS E *OUTSIDERS*

Este trabalho teve também como fontes outros artigos que falavam sobre as ciências sociais especialmente sobre o referencial sociológico de Norbert Elias, trabalhos estes como: *Relação entre Estabelecidos e Outsiders no Esporte Escolar da cidade de São Paulo*, de Laura Maria Alves Soares apresentado no IX Simpósio Internacional Processo Civilizador.

Sendo o objetivo de tal estudo foi analisar o esporte como fenômeno cultural da atualidade, especificamente no âmbito das instituições educacionais, mediante utilização das teorias das ciências sociais.

A fundamentação teórica foi baseada em proposições de Norbert Elias sobre a sociogênese do esporte moderno (construída conjuntamente com seu colaborador Eric Dunning); assim como os conceitos de figuração (relações de interdependência e equilíbrio de poder), e *established* e *outsiders*.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram de natureza qualitativa e os instrumentos de pesquisa foram entrevistas não diretivas. Os sujeitos pesquisados são responsáveis por equipes infantis de esportes coletivos, vencedoras do campeonato escolar da cidade de São Paulo, no ano de 2001.

As entrevistas foram discutidas a partir das categorias de *established* e *outsiders* de Elias e Scotson, o que resultou na compreensão das relações

constituídas entre técnicos mais antigos e os recém chegados ao universo das competições.

Outro trabalho usado por nós como fonte foi o trabalho de Patrícia Lins Gomes de Medeiros, aspectos do poder e do cotidiano em Norbert Elias, defendida na sua tese de mestrado.

Este trabalho abordou um levantamento de questões ligadas às relações de poder observadas por Norbert Elias em duas de suas obras: os estabelecidos e os *outsiders* e o primeiro volume de o Processo Civilizador.

Explora-se a relação entre os estabelecidos e os civilizados, e entre os *outsiders* e os *incivis*. Dessa forma, o presente texto estabelece alguns pontos de comparação entre os dois livros partindo dos conceitos de poder, cotidiano e exclusão.

Através da leitura desses trabalhos, procuramos entender e rever os conceitos de configuração e interdependência, estabelecidos e *outsiders* e ainda o conceito de poder, onde cada autor definia embasado nas ciências sociais especialmente sobre o referencial sociológico de Norbert Elias. Com isso procuramos nos fundamentar nestes e em outros autores que traziam seus trabalhos o referencial sociológico de Norbert Elias.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Este trabalho foi realizado por meio de uma documentação direta, um estudo de caso, sendo uma abordagem qualitativa.

Constitui-se uma documentação direta, em geral, o “levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem.” (LAKATOS & MARCONI 2003, p.186)

Uma documentação direta pode ser obtida de duas maneiras: através da pesquisa de laboratório e da pesquisa de campo que é o nosso caso em questão.

Sobre a pesquisa de campo Lakatos e Marconi (2003, p.186) afirmam que:

Pesquisa de campo é aquela utilizada como o objetivo de conseguir informações ou conhecimento acerca do problema, para qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou relações entre eles.

Através da pesquisa de campo poderemos descobrir novos fatores, colhendo informações a respeito do tema que queremos comprovar. Este trabalho terá a análise de um estudo de Nibert Elias sobre os estabelecidos e *outsiders* e sua configuração de interdependência e poder entre estes grupos, voltada à avaliação e a intervenção docente nas aulas de educação física escolar.

Este trabalho tem um cunho de pesquisa qualitativa, que segundo Silva (2003, p. 84) “está utiliza a análise e interpretação da realidade estudada, visando diminuir a distância existente entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação.”

Na pesquisa qualitativa, “devemos utilizar a lógica da análise fenomenológica, isto é, da compreensão dos fenômenos (fatos que acontecem naquele ambiente que está sendo pesquisado), a qual irá descrever e interpretar tais fenômenos (SILVA, 2003, p. 84).

Através desta análise pretendemos interpretar da melhor maneira possível estas informações sobre o problema proposto, assim teremos alguns subsídios para chegarmos a comprovar nossas hipóteses e também descobrir novos fatos sobre a mesma.

Este trabalho também está caracterizado como estudo de caso, afirma Larosa e Ayres, (2003, p.50) que:

É uma pesquisa sobre um algum indivíduo, grupo ou comunidade, ou para traçar uma linha comparativa entre empresas e corporações, visando estudar diversos aspectos da vida e do mercado e reconhecer padrões de atuação.

Concordando com o autor acima, através deste estudo de caso conheceremos com mais profundidade a instituição, grupo ou pessoa a ser pesquisada. Assim poderemos atribuir ou não afirmações e conceitos positivos ou negativos a mesma estudando os seus aspectos, assim conheceremos mais sobre o assunto da pesquisa em questão.

3.2 SUJEITOS DE PESQUISA

Foi pesquisada uma 8ª série de uma escola da rede Estadual do município Guarapuava, o professor e a turma foram observados e ao final das observações o professor foi entrevistado, escolhemos apenas uma escola, uma série e um professor, pelo fato de querermos mais profundidade sobre o assunto a ser pesquisado.

3.3 FERRAMENTAS DE PESQUISA

Com a entrevista queríamos saber opinião do professor da turma sobre o tema avaliação, como também o relacionamento entre os alunos e os possíveis grupos dos dominantes e dominados durante as aulas de educação física, e como ele intervém nestes usando a avaliação das aulas. Ao final foi comparado com a realidade das aulas através da observação das aulas.

Para Lakatos e Marconi (2003, p.193), a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focallização, fidediginidade e validade de certo ato social como a conversação”.

A entrevista¹ tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre o determinado assunto ou problema tratado. Por isso ela é um importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia

¹ Anexo 1. (Entrevista com o Professor da Turma)

Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras. (LAKATOS & MARCONI 2003, p.196).

Através da observação das aulas da série pesquisada foi feito um diário de campo, com o objetivo de coletar dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos de realidade. Não consiste apenas em ver ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. (LAKATOS & MARCONI, 2003).

A observação² que é outra ferramenta de fundamental importância para o trabalho a ser realizado, consiste em examinar fatos e fenômenos que se desejam estudar e não só em ouvir as partes envolvidas, sendo de muito valor para o trabalho como um todo.

3.4 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa começou com uma revisão de literatura para estarmos embasado em autores quando fizermos nossas conclusões a afirmações sobre o tema pesquisado. Com a pesquisa de campo através da coleta de dados, buscaremos subsídios através das ferramentas entrevista e observações das aulas. Sendo esta por um período de dois meses que contempla 24 aulas em uma mesma série pesquisada. Por último a entrevista com o professor da turma ao final do trabalho de campo.

Tendo todas estas informações sobre o tema proposto, iremos debater os resultados e discursões e logo após as conclusões sobre a pesquisa do tema estudado.

Portanto, todas as ferramentas de estudos abordadas aqui na metodologia serão de fundamental importância para este trabalho. Pois as respostas adquiridas através das mesmas em comparação a todas as opiniões de autores citados aqui neste trabalho (revisão de literatura) é que vão dá um resultado final acerca do que se desejam descobrir. Comprovando ou não intervenção nos grupos de estabelecidos e *outsiders* através da avaliação das aulas de educação física da série estudada neste trabalho.

² Anexo 2. (Diário de Campo)

3.5 REFERENCIAL SOCIOLÓGICO DE ANÁLISE

Através deste trabalho tentamos identificar como se constitui a relação de “poder” estabelecida na dinâmica configuracional das aulas de educação física de uma 8ª série do ensino público do município de Guarapuava. O método utilizado neste trabalho foi fundamentado na teoria Sociológica de Norbert Elias. Para tanto, esta pesquisa está baseada nas diferenças de “poder” entre os grupos de estabelecidos e *outsiders* dentro destas aulas de educação física observadas. E se o professor tente minimizar ou não estas diferenças de poder existentes neste ambiente pesquisado.

3.5.1 Os Estabelecidos e os *Outsiders*

Os estabelecidos são os grupos ou indivíduos que ocupam posições de prestígio e de poder em uma comunidade, que se auto-percebem como os melhores e que são reconhecidos como uma “boa sociedade” mais poderosa, a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência; os *outsiders* são justamente as pessoas que se encontram totalmente fora deste tipo de situação, ou seja, para os estabelecidos os *outsiders* são os piores, na sociedade que eles estão inseridos. (ELIAS E SCOTSON, 2000)

O grupo estabelecido enxerga o *outsider* como alguém que vem atrapalhar ou incomodar a ordem já estabelecida do local e que é incapaz de merecer os mesmos direitos e a consideração do primeiro.

É o que aconteceu nas aulas observadas, os alunos que ocupava a quadra não deixavam os outros alunos jogarem, eles entendiam que os outros não sabiam jogar a modalidade proposta, assim eles iam atrapalhar ou incomodar a ordem já estabelecida por eles no local.

E este pensamento é reforçado pelo forte poder de coesão e controle exercido por um grupo estabelecido, que induz seus indivíduos a não abrirem espaço para a relação com pessoas que não façam parte deste grupo.

Por isso a aula se constituía de vários grupos divididos, uns na quadra, no pátio e na sala de jogos. Neste caso a quadra era considerada o melhor espaço para

a prática da aula, mas quem detinha este espaço eram os meninos na sua maioria, cabiam as meninas se contentarem com o pátio da escola.

Esta discriminação é resultado de uma cultura que é formada de uma forma arbitrária e que responde aos interesses de poder de quem está no comando dos grupos neste caso os meninos. Desta forma mantém-se garantido o domínio das ações em determinado espaço de convivência.

De acordo com Elias (1980) citado por Soares (2005, p.03), as estruturas tais como matrimônio, parlamento, crise econômica ou guerra, se tornam impossíveis de serem captadas, quando reduzidas ao âmbito individual e isoladas do contexto, pois só podem ser compreendidas mediante análise e síntese figuracional, por meio da sociologia figuracional. Ainda em Elias (1976, p. 191) citado por Soares (2005, p.03) já que os homens são “dependentes uns dos outros e se orientam uns em relação aos outros”.

Segundo Elias e Dunning (1992) citado por Soares (2005, p.03) denominam estrutura como “um esquema de indivíduos interdependentes que formam um grupo ou a sociedade, do ponto de vista do coletivo, contrário às configurações ou figurações, conceitos destinados aos indivíduos, a partir de uma visão individual, particular”.

Na concepção empregada por Elias (2001), citada por Soares (2005, p.05) *establishment* (estabelecidos) é um grupo que se reconhece como uma “boa sociedade”, um grupo unido, mais poderoso e melhor do que os *outsiders*, considerados “não membros da ‘boa sociedade’” ou os que estão fora dela.

3.5.2 Conceito de Configuração e Interdependência

Soares (2005, p.3) afirma embasado em Elias (1980) que:

Configuração é um conceito central da sociologia elisiana, e elucida as estruturas sociais de maneira mais abrangente. Como sistema de interação ou estrutura social, é formada por pessoas interdependentes, não se restringi a um “agrupamento de pessoas”, e pode ser identificada como “estruturas entrelaçadas”, formadas pela afluência de diversos comportamentos individuais, independentes.

De acordo com Waizbort (1999, p. 92) citado por Soares (2005, p.3), “o social em Elias é um conjunto de relações”, um “todo relacional”, sempre em movimento, em processo de transformação. Não há possibilidade de um ‘indivíduo isolado’, mas um ‘indivíduo na sociedade’; como também não existe ‘sociedade’, mas apenas, ‘sociedade no indivíduo’, isto é, “os indivíduos fazem a sociedade e a sociedade faz os indivíduos”.

As configurações se formam necessariamente pela interdependência dos indivíduos em sociedade e podem ser marcadas por uma figuração de aliados ou de adversários. (ELIAS, 2000)

O grupo estabelecido atribuía aos seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo de contato social não profissional com seus próprios; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas contra os suspeitos de transgressão. (ELIAS e SCOTSON, 2000)

Segundo Elias e Dunning (1992), citado por Cidade (2004, p.14) o conceito de configuração refere-se à “teia de relações de indivíduos interdependentes que se encontram ligados entre si a vários níveis e de diversas maneiras”.

Para Elias (1994) citado por Cidade (2004, p.14) a idéia de interdependência do autor é que não existe “*eu*” sem “*tu*”, sem “*nós*”, sem “*ele*”, nós fazemos parte uns do outros. Assim viver juntos em dependência é a condição básica para todos os seres humanos.

De acordo com Elias (1994) citado por Cidade (2004, p.14) configuração e interdependência são conceitos que se relacionam, por formarem essa rede de relações a que ele se refere e que é definida da seguinte maneira:

A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexa do que aqui é chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutualmente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações.

De acordo com a citação acima, concordo com a autora quando ele afirma que as relações entre os seres humanos é que ligam uns aos outros, não existe “eu” sem “tu”, então precisamos um dos outros para vivermos mesmo que indiretamente, em alguns casos precisamos diretamente de outras pessoas só assim conseguimos viver neste mundo de relações entre os seres humanos.

3.5.3 O Poder nas Relações Sociais

Antes de prosseguirmos no debate, faz-se necessário um apanhado do que seria o conceito de poder para Norbert Elias. Segundo este autor, citado por Medeiros (2007, p. 170) “o poder é um atributo das relações sociais, é um fruto do contato entre os indivíduos e das suas ações a todo instante, sejam elas no campo político, econômico, cognitivo, etc.”

Para Elias citado por Sallas (2001, p. 219) o poder é algo concreto, apresenta-se freqüentemente ligado a um lugar, a um atributo específico de quem o detém, pelo controle material de objetos, de coisas e pessoas.

Concordamos com este autor quando afirma que o poder é concreto, sendo que às vezes ele está “hora com um”, “hora com outro”, mais nunca se desliga nas configurações entre os seres humanos. Pois este é atribuído a alguém no qual com este detém “poder” ele controla várias pessoas e objetos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das configurações de poder e interdependência no espaço das aulas de educação física, a partir deste estudo de caso apoia-se principalmente na teoria de Elias, levando-nos a concluir que estas relações apresentam sinais, elementos que se assemelham aos estudos de Elias e Scotson notadamente os realizados na pequena cidade de Winston Parva.

No espaço das aulas de educação física a divisão do poder obedece a critérios estes observados, uma hora está com os meninos, e em algumas ocasiões está com as meninas. Em relação ao espaço físico os meninos detêm o poder de estar no melhor lugar considerado por eles, em relação às notas obtidas durante o ano na disciplina de educação física as meninas é que obtêm o sucesso, ou seja, elas estão com o poder em relação aos meninos.

Durante todas as aulas observadas na pesquisa de campo notou-se que o professor deixa as aulas livres, ficando na maioria das vezes ausente durante quase todo tempo da aula. Com isso os alunos se distribuem uns na quadra e outros no pátio da escola, sendo que na quadra ficam na sua maioria os meninos jogando futsal e basquete, enquanto no pátio as meninas jogando voleibol.

Notando-se bastante a diferença entre os sexos, quase sempre as meninas ficam inferiores aos meninos durante a aula que é livre, eles ocupam os melhores espaços, enquanto as meninas têm que se contentar com o pátio e quando está chovendo com as bordas da quadra dentro do ginásio.³

Outra situação observada foi à exclusão de um deficiente por uma menina em um jogo de arremessos na cesta de basquete, como mostra o relato abaixo registrado no diário de campo.

Logo após entrou no ginásio um aluno com deficiência física, quando perguntei ao mesmo se ele ia jogar ele afirmou que sim, ele saiu do ginásio e logo após voltou na companhia de um colega, este sem deficiência alguma. Quando os dois entraram no ginásio o que estava na companhia do deficiente foi logo chamado para jogar, enquanto que antes eles não chamaram o que tinha deficiência para jogar, pois este ficou olhando o jogo de fora.⁴

³ Diário de Campo do dia 30/05/2008.

⁴ Diário de Campo do dia 09/05/2008

Neste caso me pareceu que o deficiente não se preocupava tanto com sua participação, me pareceu que para ele apenas olhar os outros alunos jogando bastava, e menos ainda a menina em convidá-lo para jogar, mesmo na hora que ela estava jogando sozinha.

Durante praticamente toda a observação feita por nós, notamos que este aluno com deficiência igualmente as meninas sempre ficava de fora das práticas esportivas dos alunos estabelecidos. Em relação às meninas este aluno era sempre visto como o *outsider*, ou seja, elas sempre estavam com o poder em relação ao aluno deficiente.

O potencial de poder nesta ocasião está com as meninas em relação ao deficiente, pois elas que estava com o controle da prática. Mas na maioria das vezes, em todas as aulas praticamente o poder estava com os meninos. As meninas tinham que se contentar com o pátio ou bordas da quadra principalmente em dias de chuva, pois os meninos sempre chegavam antes ao local que eles alegavam ser de direito.

Nas relações de gênero que se estabelecem no espaço da aula, os meninos são os “estabelecidos” em relação às meninas. Do outro lado faz valer-se a estigmatização dos *outsiders*, neste caso seriam os que chegavam por último ao ginásio da escola, que na nossa pesquisa são as meninas acompanhadas de uma minoria de meninos.

Em todas as aulas por mim observadas não houve intervenção do professor, diferentemente do que ele mesmo afirma:

Eu divido as turmas para participar desta aula né, aonde tem alunos atletas eu separo para não fica a famosa panelinha, e os 15 últimos minutos da aula eu dou aula livre aí infelizmente volta de novo à parte dominante e não dominante.⁵

O professor admite em entrevista quando perguntado se existia realmente estes grupos em suas aulas, e que ele divide os alunos “dominantes” dos outros alunos “não dominantes”. Ele respondeu assim:

Sim, se a educação física não for dirigida, nós temos alunos atletas que inibem os alunos que não têm o domínio total daquela modalidade, então eles são conhecidos como não dominantes são os alunos que ficam mais no tênis de mesa, mais no xadrez, nos jogos

⁵Entrevista com o Professor da Turma

de salão e quando a aula é dirigida todos são obrigados a participar então eles se sentem um pouco bem tímidos e infelizmente existem os dominantes e não dominantes.⁶

Nas aulas observadas não foi isto que aconteceu, pelo contrário, durante toda aula os alunos ficavam livres para fazer o que quisessem inclusive o professor que ficava disperso conversando com alguns alunos, deixando a aula livre para todos e quando ele não se ausentava quase o tempo inteiro da aula como o relato a seguir:

“Durante esta aula não vi a presença do professor, a ser perguntado por a minha pessoa um aluno respondeu que o mesmo estava na direção, ele apareceu apenas para recolher o material no final da aula”.⁷

Concordamos plenamente com as DCEs (2006) quando contempla três tipos de avaliações sendo elas: Avaliação Diagnóstica, Avaliação Formativa e a Avaliação Somativa. Sendo o professor responsável por todo este processo de ensino e aprendizagem do aluno. Não é o caso do professor observado através desta pesquisa, pois o mesmo não tem um conteúdo teórico e prático planejado. Foi isto que aparentemente foi mostrado nas suas aulas, pois as mesmas eram de caráter livre.

O único método visto por mim na observação foi os trabalhos em forma de pesquisas que o professor passava para os alunos fazerem em casa, como mostra o relato abaixo:

Quando cheguei os alunos estavam em sala de aula, o professor estava passando um trabalho para eles realizarem em casa ou uma pesquisa. As perguntas eram estas: O que é jogo? O que é esportes? Diferencie os dois e cite cinco exemplos de jogos e de esportes. O que é educação física?⁸

Sendo este o único método para a obtenção de nota, pois esta tem que ser feita para estatísticas a instituição, ou seja, avaliação somativa ou propriamente a nota.

⁶ Entrevista com o Professor da Turma

⁷ Diário de Campo 13/06/2008

⁸ Diário de Campo 16/05/2008

Mas quando foi questionado sobre quais seriam os métodos avaliativos que ele usava o professor respondeu da seguinte maneira: “A participação da aula, trabalhos e uma prova no bimestre”⁹.

Aparentemente o professor não tem os métodos avaliativos bem definidos como vimos no relato do diário de campo, onde o próprio professor cai em contradição quando faz a afirmação acima sobre quais seriam seus métodos avaliativos. Pois o mesmo nem estava presente na maioria das aulas de prática ou aulas livres como vimos na observação, assim fica quase que impossível avaliar a participação de todos os alunos.

Dessa maneira que o professor conduz as suas aulas e aplica seus métodos avaliativos, acaba que aumentando as diferenças entre os grupos já “estabelecidos” nas aulas, levando aos “outsiders” a terem uma imagem de si como “os piores”, enquanto fazem dos estabelecidos uma imagem “dos melhores”.

A Educação Física enquanto disciplina escolar tem o propósito de atingir os aspectos afetivos, cognitivos, motor e sociais na formação da personalidade do aluno. (BETTI E ZULIANI, 2002).

Com isso ela tem que contemplar cada vez mais as relações entre os próprios alunos, ou seja, diminuir cada vez mais as lacunas que as notas deixam entre os alunos, só assim estará melhorando nossa sociedade em geral.

Analisando a relação de poder entre meninos e meninas, observamos que as meninas têm as melhores notas em relação aos meninos, a turma tem 40 alunos, onde das 23 meninas da turma apenas duas ficaram com nota baixa este semestre, enquanto que dos 17 meninos oito ficaram com nota baixa, quase a metade dos meninos da turma.

De acordo com Faria Júnior (1989) citado pelo Coletivo de Autores (2005, p.98), “os estudos sobre avaliação em educação física estão direcionados para os métodos e técnicas usadas, criando testes, materiais e sistemas, estabelecendo critérios com fins classificatórios e seletivos”.

Nós entendemos que, a avaliação em educação física é muito mais do que aplicar testes, levantar medidas, selecionar e classificar alunos através da nota, ela

⁹Entrevista com o Professor da Turma

está relacionada com o projeto político pedagógico da escola, e está também determinada pelo processo de trabalho pedagógico.

Não caberá ao professor só a atribuição da nota ou conceito ao aluno, e sim fazer com que ele aprenda o conteúdo problematizado e através das notas diminuam as diferenças dos mesmos, assim a nota será uma consequência do aprendizado, contribuindo para uma boa aprendizagem da ação pedagógica e para a socialização entre eles.

Para compreender isso é necessário considerar que a avaliação do processo ensino aprendizagem está relacionada ao projeto político pedagógico da escola, currículo e também com o processo de trabalho pedagógico, levando em conta também as diferenças entre a sociedade em que ele vive.

Acreditamos que a avaliação nas aulas de educação física não é a grande responsável por todo este processo de melhoria nos relacionamentos dos grupos nas aulas, mais ela servirá e muito para diminuir estas diferenças de poder existentes nas aulas.

Para isso caberá ao professor estar muito atento com sua intervenção pedagógica, sendo que os instrumentos e exigências da avaliação deverão estar em sintonia com o nível de desenvolvimento dos alunos e o conteúdo efetivamente ministrado.

5 CONCLUSÃO

Portanto concluímos que existem as relações de interdependência entre todos os envolvidos na pesquisa, ou seja, todos dependem uns dos outros, tanto os alunos dos dois sexos como o professor eles vivem uma configuração como afirma Elias (1994) citado por Cidade (2004, p.14) configuração e interdependência são conceitos que se relacionam, por formarem essa rede de relações a que ele se refere e que é definida da seguinte maneira:

A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexos do que aqui é chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutualmente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações.

Com isso, as observações e a entrevista com o professor e fazendo as relações com a teoria de Elias e a relação com a avaliação, podemos afirmar que os meninos são os estabelecidos em relação às meninas nas aulas práticas, enquanto que em outro momento da atribuição das notas as meninas são quem detem o poder em relação aos meninos, ou seja, as meninas são estabelecidas em relação aos meninos no momento da obtenção do conceito ou nota.

Com relação ao poder podemos afirmar embasados em Elias citado por Sallas (2001, p. 219) “o poder é algo concreto, apresenta-se freqüentemente ligado a um lugar, a um atributo específico de quem o detêm, pelo controle material de objetos, de coisas e pessoas.”

Apoiado no que o autor afirma no parágrafo acima, podemos dizer que os meninos são os detentores do poder em relação às meninas nas aulas prática ou aulas livre como queiram chamar. Pois os mesmos se estabelecem em relação aos espaços (ginásio de esportes) disponíveis para a prática da aula, neste momento o poder está com os meninos.

Dentro destas configurações de interdependência, vimos que em determinados momentos, tanto os meninos quanto as meninas se tornam estabelecidos, o que

diferencia é o momento. Sobre o conceito de estabelecidos Elias e Scotson (2000) definem como:

Grupos ou indivíduos que ocupam posições de prestígio e de poder em uma comunidade, que se auto-percebem e que são reconhecidos como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência; os *outsiders* são justamente as pessoas que se encontram totalmente fora deste tipo de situação.

Podemos afirmar com base nas observações feitas nas aulas que o método avaliativo do professor da turma pesquisada, não é compatível as aulas práticas, pois o mesmo aplica trabalhos que geralmente são pesquisas, para serem realizados em casa onde as meninas conseguem boas notas.

Talvez pelo fator organização e interesse, as meninas tenham mais sucesso que os meninos nas aulas teóricas, sendo este o único método avaliativo que percebemos em suas aulas durante toda a observação.

O professor afirma em entrevista que realiza uma prova por semestre e dá nota por participação nas aulas, durante as observações não vimos ou ouvimos falar de nenhum tipo de prova, com relação às notas por participação.

É difícil para o professor avaliar ou atribuir notas a todos pela participação, pois ele mesmo não está presente nas aulas e suas aulas que são de caráter livre, deixando alguns alunos acomodados principalmente, as meninas em relação à participação na aula. O fato é que elas não têm um espaço para a prática esportiva, deixando-as desmotivadas à participação da aula prática, pois esta só os meninos é que dominam.

Portanto podemos afirmar que a prática avaliativa quanto à intervenção docente do professor não minimizar as relações entre os grupos de estabelecidos e *outsiders*, e sim maximiza cada vez mais estes grupos de estabelecidos e *outsiders* analisados nas aulas.

Diferentemente do que as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná diz que a avaliação tem em vista em diminuir desigualdades sociais e construir uma sociedade justa e mais humanizada. (DCEs, 2006). Caberá ao professor em não deixar que esta relação de poder que varia a todo instante nas aulas, não contribua para aumentar estas desigualdades dentro do ambiente escolar.

Durante a nossa pesquisa existem dois momentos em que este poder muda de lado, nas aulas práticas os meninos que detêm o poder, enquanto que na obtenção das notas as meninas é que se estabelecem em relação aos meninos.

Deste modo o método de avaliação adotado pelo professor não contribui e para a aproximação destes grupos de estabelecidos e *outsiders* nas aulas de educação física, pelo contrário em diferentes momentos o poder muda de lado, em um momento com os meninos nas aulas práticas e em outro momento com as meninas na obtenção de nota.

Não queremos aqui fazer afirmações do que é certo ou errado, sobre o tema, mas é importante mostrar que todos estes mecanismos são muito importantes para o professor na hora da avaliação, assim contribuindo tanto para a aprendizagem do aluno como também para a diminuição das relações entre os grupos dos dominantes e não dominantes nas aulas de educação física.

Entende-se também que o professor não deverá contemplar a “um” ou a “outro” e sim saber entender a particularidade de cada aluno na hora de avaliar e dá um conceito para aluno, sendo que este conceito ou nota deverá diminuir as diferenças de raça, de cor de religião, de sexo, de classes sociais existentes entre os mesmos, contribuindo assim para a inclusão e não exclusão de todos os alunos nas aulas de educação física.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. & ZULIANI, L. R. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* – Ano1, Número 1, 2002.

CHAVES JUNIOR, S. R. *Avaliação na Educação Física Escolar: discutindo elementos para avaliar o que se avalia*. Palestra proferida no V Seminário de Educação Física - SME/Curitiba, 10 nov. 2007.

CIDADE, R. E. A. *Atletas paraolímpicas: figurações e sociedade contemporânea* / Ruth Eugênia Amarante Cidade. - Campinas – SP: [s.n], 2004.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. 2000. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2000.

FREITAS. M. A, MOLETTA, C. L. e MOSKO J. C. in: *Estabelecidos e Outsiders nas Torcidas Organizadas*.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1995.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.

LAROSA, A. M. & AYRES, A. F. *Como produzir uma monografia passo a passo.. siga o mapa da mina*.- 2º Edição - Rio de Janeiro: Ed. Wak, 2003.

MEDEIROS, P. L. G. *Aspectos do Poder e do Cotidiano em Norbert Elias* in: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC EmTese Vol. 3 n. 2, janeiro-julho/2007, p. 168-181.

DCES, Paraná Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica para a rede pública estadual de ensino*. 2006.

SALLAS, A. L. F. Doutora em História, professora do Departamento de Ciências Sociais e pesquisadora do Núcleo de Estudos da Violência (UFPR) in: Elias, N. & Scotson, J. L. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações De poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de janeiro: Jorge Zahar. 224p. 2000.

SOARES, C. L. **Educação Física: Raízes européias e Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

SOARES, L. M. A. **Relação entre estabelecidos e outsiders no esporte escolar da cidade de São Paulo**. IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Tecnologia e Civilização. Ponta Grossa – Paraná. 2005.

SILVA, M. A. F. **Métodos e Técnicas de Pesquisa**. 2ª Ed. Curitiba: Editora IBPEX, 2003.

ANEXO 1

Entrevista

1ª- Você acha que existem diferentes grupos, estes sendo os dominantes e dominados em relação ao conteúdo prático das aulas de educação física?

R – Sim, se a educação física não for dirigida, a gente tem alunos atletas que inibem os alunos que não têm o domínio total daquela modalidade, então eles são conhecidos como não dominantes são os alunos que ficam mais no tênis de mesa, mais no xadrez, nos jogos de salão e quando a aula é dirigida todos são obrigados a participar então eles se sentem um pouco bem tímidos e infelizmente existem os dominantes e não dominantes.

2ª- Qual seu procedimento quanto a estes grupos durante a aula de educação física?

R - Eu trabalho no início da aula, na sala de aula onde eu dou trabalhos e na próxima aula estou corrigindo estes trabalhos, aí eu divido as turmas para participar desta aula né, aonde tem alunos atletas eu separo para não fica a famosa panelinha, e os 15 últimos minutos da aula eu dou aula livre aí infelizmente volta de novo a parte dominante e não dominante.

3ª- Qual o critério ou como você dá a nota aos alunos?

R - A participação da aula, trabalhos e uma prova no bimestre, não vai alterar por que tem alunos estão nos jogos de salão e quando eu estou na aula dirigida todos participam igual então não participam de dominantes e não dominantes aí é no geral.

4ª- Através da avaliação você tenta diminuir estas diferenças existentes entre os grupos dos aptos a aula e os dos não aptos? As notas são de acordo com as características do aluno nas aulas de educação física, os aptos ou dominantes têm notas boas e os não aptos ou não dominantes com notas ruins?

R - Olha eu acredito que a avaliação ela faz parte da educação física então não é pra diminuir os dominantes e não dominantes é a participação de todos os alunos se

you libera a aula direto you não tá diminuindo you faz a avaliação eles vão ficar todos iguais o aluno que tem uns alunos atletas que não estudam e tiram nota baixa em todas inclusive em educação física então eu acho que a avaliação não diminui não... Nem sempre se for mal nos trabalhos e na prova não adianta ser dominante lá na quadra não adianta ser um aluno líder ou um aluno que é o melhor jogador de basquete do colégio mais ele não estudou não fez os trabalhos então a nota dele vai ser inferior a daquele aluno que de repente fica não participando e acaba fazendo os trabalhos, e a participação conta para a nota final.

5ª- Qual ou quais os tipos de avaliação você utiliza para avaliá-los?

R - Trabalho como te falei anteriormente, prova e participação da aula, trabalho vale 30% a participação 40% e a prova 30%.

6ª- Esta ou estas avaliações estão de acordo com o seu planejamento e consequentemente com Projeto político Pedagógico da escola?

R – Sim.

7ª- Segundo as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (DCEs, 2006) a avaliação deve ser diagnóstica, contínua e somativa, com vista em diminuir desigualdades sociais e construir uma sociedade justa e mais humanizada. Levando em consideração o que diz às DCEs do Estado do Paraná, você relaciona sua prática avaliativa a esta citação, diminuindo a distância entre as relações entre meninos e meninas, mais habilidosos e menos habilidosos?

R - Procuo seguir estas metas mais nem sempre a gente consegue, têm diferenças, tenho alunos deficientes, têm alunos que têm outros problemas é, têm meninas que recusam “não vou pra quadra”, “não vou jogar com aquele piá” aí tem que separar tem que fazer diferente tem que tentar levar elas na quadra, acho que é isso.

8ª- Você acha importante o diagnóstico das diferenças nos grupos, e concorda que a avaliação das aulas consequentemente a nota pode diminuir ou aumentar cada vez mais estas diferenças?

R - Importante... Sim, mas nem sempre muda estas diferenças... Pode... Que ele tem condição de chegar lá, que o bom na prática às vezes não é bom na teoria,

sempre os mesmos...sempre aquele grupo e os outros talvez vão começar a não gostar de educação física.

Entrevista com o Professor da Turma (Questionário)

ANEXO 2

Diário de Campo

Dia 09/05/08

Comecei o meu acompanhamento com a turma de 8ª série do colégio Ana Vanda, neste dia o professor conversou com os alunos em sala de aula, logo após liberou-os. Continuei na escola observando-os, alguns ficaram jogando basquete e outros no pátio da escola. Observei os que estavam jogando basquete primeiro, estes começaram escolhendo os times para jogar. O que me chamou mais a atenção foi quando eles formando os times e me chamaram para jogar, eu me recusei, pois estava faltando um jogador em uma equipe.

Logo após entrou no ginásio um aluno com deficiência física, quando perguntei ao mesmo se ele ia jogar ele afirmou que sim, ele saiu do ginásio e logo após voltou na companhia de um colega, este sem deficiência alguma. Quando os dois entraram no ginásio o que estava na companhia do deficiente foi logo chamado para jogar, enquanto que antes eles não chamaram o que tinha deficiência para jogar, pois este ficou olhando o jogo de fora.

Depois chegou uma menina com uma bola de basquete, esta ficou jogando com a bola sozinha em uma tabela auxiliar, mesmo com o aluno deficiente do seu lado a menina não o convidou para jogar, ela saiu e a bola ficou com o menino deficiente, este ficou brincando sozinho na mesma tabela auxiliar, depois de pouco tempo ela voltou com uma colega e pegou a bola novamente para jogar, o menino ficou novamente de fora da atividade.

Em pouco tempo chegou mais uma duas meninas para jogarem com as outras duas formando assim um grupo de quatro meninas, o menino ficou só olhando elas realizarem a atividade de arremesso na tabela auxiliar, enquanto isso os meninos jogavam basquete na quadra principal enquanto as meninas tinham que se contentar com um canto da quadra e o deficiente tinha que ficar só olhando as duas atividades.

Perguntei ao deficiente se ele não ia jogar, ele falou todo animado “vou sim” perguntei se os outros alunos deixam ele jogar ele novamente afirmou que sim, ele

falou que estava esperando a vez dele, mas não me pareceu que os alunos iam convidá-lo para jogar. Não cheguei a ver ninguém dirigir a palavra ao menino deficiente, e nota-se a divisão entre os meninos e as meninas, pois os mesmos não mesclam os times com as meninas quando jogam na quadra. Enquanto isso no pátio da escola dois casais de jovens conversam, enquanto muitos grupos de dois ou três alunos se formam e conversam separadamente.

Dia 16/05/08
Aulas Geminadas

Quando cheguei os alunos estavam em sala de aula, o professor estava passando um trabalho para eles realizarem em casa ou uma pesquisa. As perguntas eram estas: *O que é jogo? O que é esportes? Diferencie os dois e cite cinco exemplos de jogos e de esportes. O que é educação física?*

Logo após os alunos foram todos para fora, muito formaram um grupo maior de meninas e meninos que jogavam três cortes no pátio da escola, os meninos que inicialmente jogavam com as meninas, mas depois pediram para as meninas saírem, ficando assim só os meninos jogando, eles queriam implantar mais força nos cortes por isso queriam jogar sozinhos. As meninas que inicialmente jogava com os meninos ficaram em outro lugar no pátio continuando a jogar agora só entre elas.

A aula dividiu-se em três momentos sendo que alguns estavam na quadra jogando futsal outros no pátio conversando e jogando três toques e na sala de jogos jogando tênis de mesa. No pátio nota-se que muitos grupos se formam para jogar três cortes com bolas de voleibol, principalmente entre as meninas, também tinha alunos sem fazer nada só passeando de um lugar para o outro.

A aula é livre com vários grupos se formando para jogar o que eles se identificam mais ou jogam o que os grupos mais antigos já estão acostumados a fazer durante a aula. Em momento algum o professor interviu na aula ele só fica observando a mesma e resolvendo problemas entre os alunos durante a aula.

Dia 30/05/08

Nesta aula a quadra foi dividida pelos próprios alunos com uns jogando futsal e outros jogando basquete, os demais alunos ficaram no pátio conversando uns com os outros em forma de grupinhos, algumas meninas pegaram o bola de voleibol e ficaram jogando três toques no mesmo pátio.

Percebe-se que as meninas têm interesse de prática à modalidade de voleibol com mais afinco, mas o professor da turma não trabalha a modalidade com elas, pois este mesmo fica de conversando com os outros alunos durante as aulas, assim não intervindo na aula livre, assim não proporcionando um espaço de aprendizagem para os alunos. Nota-se bastante esta diferença entre os sexos, deixando as meninas sempre abaixo dos meninos durante a aula que é livre, os meninos ocupam os melhores espaços, enquanto as meninas têm que se contentar com o pátio e quando está chovendo com as bordas da quadra dentro do ginásio.

Dia 05/06/08**Aulas Geminadas**

Os alunos se distribuíram uns na quadra outros na sala de jogos e as meninas no pátio da escola. Percebe-se que os alunos que jogam basquete sempre são os mesmos como os que jogam futsal. Durante esta prática percebi que não há a presença de meninas, não sabemos se é por desinteresse das mesmas ou se há exclusão por parte dos meninos pelo fator de elas serem meninas ou do sexo feminino.

Sobre a avaliação dos alunos percebi que o professor passa trabalhos para a obtenção da nota dos alunos, estes são realizados em casa em forma de pesquisa, estas são todas na área de educação física, esta foi à única forma de avaliação que eu percebi que o professor faz dos alunos, não fazendo nenhuma ligação entre teoria e prática, perguntei a um aluno o que mais o professor avalia neles o aluno respondeu que “a participação nas aulas práticas conta nota para quem participa das atividades”, mesmo não havendo a aula prática dirigida pelo professor ele fala aos alunos que avalia a participação, acho que é uma forma de pressioná-los a participarem das aulas e não ficarem sem fazer nada.

A principal observação feita por mim durante até agora nas aulas é de a turma não ser uma turma homogênia entre os sexos (masculino e feminino), a relação nas aulas prática entre os mesmos é de exclusão entre eles.

Dia 13/06/08

Nesta aula por consequência do tempo chuvoso quase toda a turma se concentrou no ginásio, mesmo assim podia-se perceber a mesma divisão dos grupos na aula, os mesmos jogavam basquete, futsal e tênis de mesa sendo esta praticada na borda da quadra do ginásio, as meninas continuava a jogar com uma bola de voleibol, sendo que agora também na borda da quadra pois a mesma estava sendo ocupada pelos outros grupos (estabelecidos) enquanto os demais (*outsiders*) tinha que ficar olhando os outros jogar ou jogavam algo do lado de fora da quadra, principalmente as meninas.

Em uma determinada hora da aula alguns meninos em um número mínimo se juntaram com algumas meninas e tomaram o meio da quadra que era dividida entre meninos jogando futsal e os outros, basquete, e começaram a jogar os três toques com a bola de voleibol, foi um momento raro esta junção entre os sexos, talvez por causa que todos tiveram que se aglomerar dentro do mesmo espaço, assim necessitando alguma atitude por parte de uma minoria excluída (*outsiders*) das outras modalidades vivenciadas.

Durante esta aula não vi a presença do professor, um aluno comentou com um colega que o mesmo estava lá na direção, este apareceu apenas para recolher o material no final da aula.

Dia 03/07/08

Aulas Geminadas

O professor em sala de aula recolheu alguns trabalhos e passou algumas notas de alunos, depois ele liberou os alunos para irem para quadra dizendo “tem bolas lá na quadra” eu acompanhei os alunos enquanto o professor ficou ausente desta aula quase o tempo inteiro, novamente os mesmos alunos foram para a quadra jogar basquete e futsal, tinha mais alguns alunos no ginásio, mas quando

eles perceberam que não iam jogar, pegaram a bola de voleibol e foram novamente para o pátio jogar, estes na sua maioria quase que 100 % eram meninas só tinham a presença de dois meninos, note que a aula se dividiu em quatro grupos com os dois grupos dominantes (estabelecidos) com posse do poder que na aula é quem detem o melhor lugar aqui o ginásio, o terceiro jogando voleibol no pátio e o quarto e último era um grupinho que não fazia nada apenas escutavam músicas nos celulares uns dos outros, no caso destes dois últimos grupos seriam os não dominantes (*outsiders*) de um técnica estabelecida há tempos nas aulas de educação física, e quem não detinha esta técnica acabava excluído pelo o outro grupo já estabelecidos dentro do padrão destas aulas livres proporcionadas pelo professor da turma.

E com a não intervenção do professor nestas aulas só aumentavam as diferenças entre estes grupos de estabelecidos e *outsiders*. Ao final da aula perguntei a um aluno que estava no pátio jogando voleibol, porque vocês armam a rede jogam voleibol na quadra? A resposta do menino foi esta, “os piás não deixam”, estes alunos que impediriam seria aquele que sempre estão lá, e por isso estabeleceram uma ordem que sempre tem que ser futsal e basquete na ausência de um grupo o outro assumia a totalidade do ginásio, não deixando assim os que detinam de uma não habilidade nestas modalidades e os que simpatizavam com outra modalidade não participar e não usar o ginásio.

Então se pode dizer que dentre todas estas aulas que observei a divisão dos grupos nas aulas era sempre esta citada por mim acima, podia perceber que muitas vezes todos queriam participar o que acontecia era que os grupos dominantes não deixavam, e afirmavam que “eles não sabem jogar”, “eles são loucos de ruim”. E que podia ter uma intervenção do professor dentro da aula o que não acontecia, aumentando cada vez mais esta distância entre os alunos.

Dia 10/07/08

Aulas Geminadas

Este foi meu último dia de observação desta turma, em sala de aula o professor liberou todos os alunos para sair enquanto ficávamos fazendo a entrevista em sala de aula, após o término da entrevista fui para a observação dos alunos, eles se comportavam da mesma forma de sempre uns na quadra sempre com

basquetebol e futsal e bem pouco no pátio da escola sem fazer nada, alguns alunos foram questionados por mim nesta aula, para o primeiro que estava sentado do lado de dentro da quadra perguntei por que ele não ia jogar futsal o mesmo respondeu “eu não gosto de futsal”, outro aluno que estava do lado de fora no pátio sentado foi questionado por mim por que ele estava sem fazer nada o aluno respondeu: “estou com preguiça”, um outro aluno deficiente por quem eu tinha mais contato para o diálogo sempre quando foi questionado por mim “você não vai jogar hoje?” ele sempre respondia “sim vou jogar” mais era raro ver este aluno participando de alguma atividade que exigia um padrão de rendimento, outro dia vi o mesmo participando de um três toques mais dois meninos e outras meninas em sua maioria.

Pesquisa de Campo realizada no período de 09 maio a 10 de julho de 2008.